

# **O ProJovem Adolescente em Feira de Santana: impactos sobre jovens beneficiários**

Resultado de investigação finalizada

Grupo de Trabajo N°22 – Sociologia da Infância e da Juventude

Maria Inês Caetano Ferreira  
Rafael dos Santos Gomes Estrela

## **Resumo:**

Este artigo traz as primeiras análises de pesquisa realizada sobre o ProJovem Adolescente, voltado para atender um perfil em situação de risco. O objetivo foi investigar os efeitos do programa sobre a experiência de ser jovem de beneficiários. A pesquisa foi realizada num dos bairros mais violentos do maior município do interior do Nordeste, Feira de Santana. Foram realizadas entrevistas em profundidade com 12 jovens, a fim de conhecer a vida de suas famílias, das condições socioeconômicas e os motivos para o ingresso no programa. Os resultados apontam que o programa é positivo, sobretudo em virtude da precariedade e do isolamento no bairro. Todavia, a precariedade ameaça os principais objetivos do programa, afetados pela violência do tráfico de drogas.

**Palavras-Chave:** Juventude, Política Pública; Bahia

## **Juventude e políticas públicas**

A formulação e elaboração de programas de juventude são afetadas pelas representações sobre os jovens e disputas políticas a elas relacionadas. Como explica Peralva (2007), as escolas da sociologia da educação expressam esse movimento. Nas concepções da Escola de Chicago, a juventude era associada ao desvio, aos problemas da desordem da sociedade industrial e a urbanização. Desse modo, os jovens remetiam a problema. Destaca-se aqui o embate entre o adulto, responsável, e o jovem em formação. A centralidade do embate entre jovens em formação e adultos formadores passa a perder força na década de 70, com as várias transformações sociais como o prolongamento da vida e a reestruturação no mercado de trabalho. A crise econômica global e as novas formas de organização das relações de produção e de relação de trabalho abalaram a perspectiva da formação para a vida adulta e o conseqüente papel de responsável, chefe de família, provedor etc. Isso porque a instabilidade do emprego e o desemprego prolongado subverteram as certezas da estabilidade econômica dos adultos e sua conseqüente responsabilidade e maturidade. Massas de jovens e adultos foram expostos à exclusão no mercado de trabalho ou, pelo menos, a uma inclusão precária, por meio de ocupações temporárias. A concepção de uma sociedade do trabalho voltada para o futuro passou a conviver com outros valores, como a ênfase no tempo cotidiano, o questionamento sobre o período demarcado de responsabilidade e maturidade. Embora a oposição hierárquica entre juventude e maturidade não tenha sido superada, atualmente a juventude conquistou representação positiva não apenas pelo o que um dia ela será, ou seja, adulto, maduro e formador, mas também pelo que ela é hoje, já que a condição de ser jovem tornou-se prestigiosa. A juventude deixa de ser apenas um tempo de transição para a vida adulta (Peralva, Idem), mas ganha sentido em si própria.

A formulação das políticas públicas é influenciada pela disputa das representações. A concepção da juventude como uma fase de formação, de menos responsabilidade do que o adulto, de (i)maturidade

pode ser percebida no fato de boa parte dos programas para jovens se concentrarem na educação, no controle social, no lazer associado à formação. Sposito e Corrochano (2005) descrevem fases explicitam essa influência, descrevendo as principais orientações das políticas ao longo dos anos. Segundo as autoras, entre as décadas de 50 e 80 – quando o tema da juventude ainda era muito frágil dentro das preocupações governamentais – a principal proposta era a ampliação da educação e do uso do tempo livre, ou seja, o predomínio da formação para a vida adulta. Entre os anos 70 e 85, as ações voltadas para a juventude se centravam no controle, no envolvimento político dos jovens na resistência ao governo autoritário. Com a democratização e a explosão da crise econômica – entre 1985 e 2000 – as ações se orientam no combate à pobreza e à prevenção de delitos. Isso porque nesse período há se elevam os índices de pobreza e de criminalidade. Por fim, as autoras explicam que entre 90 e 2000 o foco se torna a inserção do jovem no mercado de trabalho, com o desemprego provocado pela crise econômica e reestruturação das relações de produção.

### **Políticas de Juventude no Brasil**

O tema juventude vem se tomando atenção dos governos de vários países, sobretudo, a partir de 1985, que foi declarado o Ano Internacional da Juventude pela ONU, ação que buscou estimular os países a criarem estratégias para o enfrentamento de problemas relacionados a esse grupo (Silva, Andrade, 2009). Outros eventos internacionais foram relevantes para introduzirem o tema da juventude na agenda dos governos. Os autores citam a Conferência Mundial de Ministros Responsáveis pelos Jovens, em 1998, em Portugal; o Fórum Mundial de Juventude das Nações Unidas, que resultou num plano internacional que convergiu articulações de movimentos juvenis. Esses autores ainda destacam que em 2005 a Assembleia Geral da ONU lançou informe sobre a situação da juventude no mundo.

No caso específico ibero-americano, após o Ano Internacional, foi criado o Instituto da Juventude da Espanha, em 1987, que convocou a Conferência Intergovernamental sobre Políticas de Juventude Ibero-América. Em 1992, a Organização Ibero-Americana de Juventude foi criada. Trata-se de instituição que envolve governos latino-americanos e ibéricos. Os eventos e institucionalizações estimularam a ação de movimentos de juventude. Apesar de ganhar força no cenário latino-americano e ibérico, no Brasil o tema despertou o governo menos intensamente. No início da década de 90 foi lançado o Estatuto da Criança e Adolescente e o tema da juventude foi englobado a essas duas fases da vida, sem distinção (Silva, Andrade, Idem). Sposito e Carrano (2007) explicam que, no país, não foram desenvolvidas políticas voltadas especificamente para juventude. Somente no final da década de 90 foram feitas parcerias entre os três entes (estado, município e União) com organizações não-governamentais para projetos voltados para a juventude e, como informam esses autores, isso deve-se a fenômenos sociais que converteram a juventude num grupo de risco social. Esses fenômenos são a violência que explodiu a partir dos anos 80. Os elevados índices de homicídios se caracterizaram e se caracterizam até hoje pelo fato de os jovens serem os principais agressores e as principais vítimas. Os impactos da crise econômica dos anos 80, agravados pelos efeitos de planos econômicos orientados pelo ajuste fiscal nos anos noventa e 2000, que elevaram o desemprego, sobretudo entre os jovens. Além do bônus demográfico, apontando a densidade da população jovem em comparação a outras faixas etárias e as consequentes necessidades específicas do grupo que se tornaram problema da agenda pública. Nesse cenário, a partir do novo milênio as políticas públicas de juventude se tornaram tema da agenda do governo brasileiro.

Silva e Andrade (2009) destaca o fortalecimento do diálogo entre governo e movimentos sociais a favor da elaboração de uma política de juventude no país. Com isso foram realizadas a Conferência Nacional de Juventude, organizada pela Comissão Especial de Juventude da Câmara dos Deputados, criou-se também o Grupo Interministerial, junto à Secretaria-Geral da Presidência da República para diagnosticar as condições de vida dos jovens no país. Em 2005 foi criada a Secretaria Nacional de

Juventude, o Conselho Nacional de Juventude e o ProJovem, Programa Nacional de Inclusão de Jovens.

Vale ressaltar a participação dos movimentos de juventude na discussão e elaboração das políticas de juventude. Isso possibilita a reflexão da política a partir das concepções dos próprios jovens e não apenas das representações dos adultos sobre os jovens. Isso permitiu contribuir para a valorização da experiência da fase da juventude. As políticas podem considerar não somente a formação futura do jovem, mas a importância do jovem viver bem o tempo da juventude. Apesar da influência direta dos jovens na organização de ações voltadas para seu grupo, verifica-se que, de modo geral, os programas ainda mantêm princípios comuns à concepção da formação, da preparação para a responsabilidade da vida adulta, do controle social. Um exemplo disso é o programa Agente Jovem, desenvolvido na década de 90 e reorganizado em novas bases em 2009, com a revisão do ProJovem, que passa a abarcar diversos programas para juventude.

Sposito e Corrochano (2005) criticam os programas criados para os jovens descritos como sujeitos à situação de risco social, que transferem renda e que incluem nas suas diretrizes algum tipo de formação profissional mais desenvolvimento ações para o desenvolvimento de sentimentos de participação na sociedade local, fortalecendo laços familiares e comunitários como forma de responder à violência, assim como propostas de retorno e manutenção na vida escolar. Em primeiro lugar, vale comentar que o perfil de risco social para a participação no programa, explicitado pelas autoras e que é comum nos programas de juventude, ressalta característica de desprestígio social. Isso porque o jovem deve fazer parte de grupos vulneráveis como baixa renda, morador de região violenta, negro, estudante de escola pública mal avaliada etc. Esse rol de adjetivos aponta mais para uma ação para jovens carentes do que cidadãos brasileiros, sujeitos de direitos. Os programas buscam focar alguns graves problemas da população, porém, os critérios somados à precariedade da estrutura no desenvolvimento das ações realmente sugere tratar-se mais de controle da pobreza, como define Leão (2004) do que propriamente programas de governo comprometidos com a integração do jovem à sociedade, com acesso à herança social comum a todos os cidadãos (Marshall, 1967).

Sposito e Corrochano (2005) estudam programas que oferecem algum tipo de qualificação profissional para os jovens e constatam que, na maioria dos casos, há predomínio de formação em cursos para ocupações autônomas, em contraste com as profissões tradicionais do mercado formal de trabalho. São oferecidos cursos para atividades relacionadas à arte, lazer etc. Segundo essa pesquisa, a maioria dos beneficiários dos programas preferia formação tradicional, a fim de ampliar a oportunidade de ingresso no mercado formal. Há casos de programas com ofertas tradicionais e essas, mais comuns ao que se denomina de economia criativa. Todavia, nem sempre é possível escolher o curso preferido ou há estrutura – como espaço ou professores qualificados – nas áreas preferidas.

Leão (2004), ao estudar o programa Agente-Jovem, destaca a precariedade da infraestrutura do programa e dos profissionais contratados. Em relação aos profissionais, em seu estudo sobre o ProJovem Urbano, Ferreira (2013) descreve a precariedade dos vínculos de trabalho dos educadores do programa, como os baixos salários e, mais grave, a instabilidade provocada pela frequente evasão de beneficiários, que levam à diminuição de turmas e, conseqüentemente, à dispensa de professores.

Sposito e Corrochano (2005) e Leão (2004) argumentam que as atividades voltadas para a (re) inserção escolar não dialogam com a escola formal, não há nenhum tipo de ação conjunta. Na verdade, os programas concorrem com a escola, pouco contribuindo para o sucesso do processo de aprendizagem, quando não agravando as relações do estudante com a escola formal.

As ações sociais, por sua vez, buscam converter os jovens em cidadãos ativos nas suas comunidades. A partir das informações da literatura, vale ressaltar que essa ação não traz em si o elemento político, pelo contrário. A ênfase no conceito comunidade já parece apontar para uma ação despolitizada, isso porque arrefece a possibilidade de conflito. A forma como essas ações parecem organizadas remetem a intervenções localizadas, sem nenhuma discussão sobre os motivos que provocaram sua necessidade, a

amplitude do problema e, sobretudo, sobre a responsabilidade da existência do problema a ser atacado por uma ação do grupo de beneficiários. Dessa forma, o próprio conceito de cidadania sugere fragilidade, pelo menos se tomarmos a definição de Fleury (1994) e Marshall (1967), que remete a uma igualdade básica que se traduz no acesso a direitos positivos, ofertado pelo Estado. Isso porque esse tipo de ação social não leva ao questionamento das responsabilidades civis dos problemas e o consequente desrespeito à igualdade entre os cidadãos brasileiros.

## **Objeto e metodologia**

Este trabalho discute os resultados de pesquisa realizada com jovens beneficiários do programa ProJovem Adolescente no município de Feira de Santana, interior da Bahia. O principal objetivo foi investigar os efeitos do programa sobre os jovens atendidos. A metodologia adotada foi a qualitativa e o principal instrumento de pesquisa foi a entrevista em profundidade com doze beneficiários atendido na área de cobertura de um determinado Centro de Referência de Assistência Social – CRAS – que é a base geográfica de divisão para o atendimento desse programa. As entrevistas foram semiestruturadas, divididas em grandes temas, despertando o entrevistado para desenvolver as questões envolvidas em cada tema. O primeiro tema se compôs de informações sobre o jovem e sua família, como a composição, profissão dos pais, a trajetória de trabalho do jovem etc. Um segundo grande tema investigou a frequência no ProJovem, como foi o acesso, os motivos para frequentar o programa, as relações com a escola e as transformações que o programa provocou ou não na vida do beneficiário. Ressalta-se que, em virtude do foco em uma determinada divisão territorial do município, este é um estudo de caso.

Por tratar-se de pesquisa qualitativa, os resultados não buscam identificar um padrão que possa ser generalizado a todas as escolas públicas. Ao contrário, como ensina Martins (2004), a pesquisa qualitativa não busca a generalização dos dados, mas conhecer o fato de forma profunda, para tanto, menos importante do que a generalização valem as informações detalhadas, singulares, únicas. A pesquisa qualitativa permite conhecer de forma particular o contexto. Menos preocupada com o geral, a pesquisa qualitativa foca em alguns elementos e suas possíveis interconexões.

Após a realização das entrevistas, o material foi transcrito e os dados foram tratados, a fim de proporcionar estudo minucioso e aprofundado de cada caso individualmente e, num segundo momento, buscar estabelecer relações entre os sujeitos em geral. Assim, foi possível estudar os jovens na sua individualidade – e de suas famílias – e compreender os possíveis efeitos promovidos pelo ambiente local, como condições de infraestrutura.

## **O Projovem Adolescente**

O ProJovem Adolescente participa de um programa maior, denominado ProJovem – Programa Nacional de Inclusão de Jovens. O ProJovem Adolescente foi criado em 2007, com público-alvo entre 15 e 17 anos. Ele é um programa socioeducativo e integra as ações do SUAS – Proteção Social Básica do Sistema Único de Assistência Social. O seu objetivo é completar a assistência social básica das famílias, garantindo melhores condições de convivência familiar e comunitária, assim como contribuir para (re)inserção do jovem no sistema educacional. Os beneficiários do ProJovem Adolescente devem ser beneficiários do Programa Bolsa Família ou egressos de medidas socioeducativas de internação ou em meio aberto, egressos do Programa de Erradicação do Trabalho Infantil ou de programas voltados para o combate à violência e abuso sexual. Desse modo, conclui-se que perfil dos beneficiários é bastante vulnerável.

Os jovens são organizados em grupos de 15 a 30 integrantes, que recebem o nome de coletivos e que ficam sob a responsabilidade de um orientador social. O desenvolvimento do programa deve ser por meio do CRAS ou estar referenciado a um CRAS.

O programa se organiza em três eixos, a saber: convivência social, participação cidadã e mundo do trabalho. Há ainda seis temas transversais, a saber: direitos humanos e socioassistenciais, trabalho, cultura, meio ambiente, saúde, esporte e lazer. A carga horária total do Projovem Adolescente é de 1200 horas, distribuídas em dois ciclos anuais, com 12,5 horas semanais de atividades para os jovens. Para subsidiar as equipes profissionais que executam o Projovem Adolescente o MDS disponibiliza um kit com oito cadernos com orientações teóricas e práticas sobre a estruturação e o desenvolvimento do Serviço Socioeducativo.

A carga horária total do Projovem Adolescente é de 1200 horas, distribuídas em dois ciclos anuais, com 12,5 horas semanais de atividades para os jovens.

As atividades são constituídas por encontros e oficinas desenvolvidos em horários compatíveis com a frequência à escola. São objetivos gerais dos Ciclos de atividades do Projovem Adolescente:

#### Ciclo I

Estabelecer o Coletivo de jovens como espaço de convívio cooperativo, afetivo, lúdico e solidário. Propiciando oportunidades para o desenvolvimento da criatividade, valorizando ações e reflexões sobre valores éticos, sobre a formação para o mundo do trabalho e a cidadania, de forma participativa e democrática.

#### Ciclo II

Estabelecer o Coletivo de jovens como espaço de formação, envolvendo a troca de novos conhecimentos, a inclusão digital, a orientação para a qualificação profissional e o desenvolvimento de experiências práticas, planejadas coletivamente a partir dos interesses comuns às vidas social e profissional dos jovens.

As ações socioeducativas do Projovem Adolescente apresentam-se em duas modalidades distintas, a saber:

**Encontros:** definidos como espaços de pesquisa, estudo, reflexão, debates, ação e experimentação, a partir de temas transversais como direitos humanos e socioassistenciais, trabalho, cultura, meio ambiente, saúde, esporte e lazer. Além disso, os encontros são uma oportunidade para avaliação e sistematização da participação dos jovens no Serviço Socioeducativo;

**Oficinas:** definidas como espaços de promoção e acesso à cultura, ao esporte e a práticas lúdicas, estimulando a criatividade, contribuindo para a integração dos temas trabalhados e para o compromisso dos jovens com o Serviço.

O orientador social é o responsável por um coletivo. Ele pode ter qualquer formação profissional, o importante é demonstrar capacidade de estabelecer vínculos de confiança com os jovens. Ele é o responsável pela organização das atividades com os jovens.

### **Feira de Santana: campo de pesquisa**

Feira de Santana é a maior cidade do interior da região Nordeste, de extrema importância econômica para o estado da Bahia, uma vez que é região de entroncamento, fazendo a ligação terrestre da capital, Salvador, como todo o país. Em 2010 a Feira de Santana tinha 556.756 habitantes, numa área de 1.338km<sup>2</sup>. Ela está localizada a 107 Km da capital, Salvador. O município abriga importante setor industrial, comercial e de serviços. Vale destacar que Feira de Santana é polo produtor e distribuidor para grande área da região Nordeste.

Segundo informações do Ministério do Desenvolvimento Social, apesar da importância econômica, apenas 40,4% da população economicamente ativa trabalhava com carteira assinada, 23,3% trabalhava sem carteira assinada e 23,9% trabalhava por conta própria. Esses sugerem que a população vulnerável

a condições precárias de trabalho é relevante em relação à população total. Ressalte-se, ainda, que do total de ocupados, 52,3% recebiam até um salário mínimo por mês.

Ainda, segundo informações do MDS/SAGI, do total da população, 37.986 (6,8%) estavam em situação de extrema pobreza, com renda domiciliar per capita abaixo de R\$ 70,00.

O MDS ainda informa que a principal causa externa de óbito é a agressão. A violência é um dos principais problemas sociais de Feira de Santana. Atualmente ela é a terceira cidade no ranking de mortes violentas no estado da Bahia, com destaque para o elevado crescimento ocorrido no ano de 2012. Segundo dados divulgados pela polícia local, entre janeiro e fevereiro de 2012, noventa e seis pessoas foram assassinadas no município. Em comparação ao mesmo período no ano anterior, houve acréscimo de 46 homicídios. Vale ressaltar que o alto índice se justifica pela longa greve da polícia militar no estado da Bahia. No período da greve, em alguns municípios do estado, os homicídios aumentaram muito, retomando o padrão após o retorno dos policiais ao trabalho. De qualquer forma, é muito alto o número de mortes por causa externa em Feira de Santana. Segundo os policiais, o tráfico de drogas é um dos principais responsáveis pela violência na cidade. O fato é que as principais vítimas e agressores são os jovens.

Este trabalho foi desenvolvido no bairro George Américo, considerado um dos mais violentos da cidade. Por esse motivo, foi instalada uma base da política militar, a fim de fortalecer o combate às mortes violentas.

O nome do bairro remete a um líder do movimento Sem-Teto, que luta pelo direito à moradia, que liderou a ocupação desse local. Trata-se de um bairro de periferia, com residências simples e distante da região central do município. O bairro é muito extenso e abriga diversidades socioeconômicas. Algumas áreas são mais bem atendidas por equipamentos públicos e infraestrutura do que outras.

A opção por estudar o ProJovem Adolescente no George Américo se justifica pelo fato de ser uma região com problemas de violência e abrigar famílias em condições de pobreza. Dessa forma, pareceu importante investigar se o programa exerce algum efeito sobre a realidade de pobreza e violência dos jovens.

### **Os adolescentes entrevistados**

Para a realização das entrevistas foi feito contato com o CRAS local. A responsável foi informada sobre os objetivos da pesquisa e autorizou o contato com os funcionários do programa e, daí, o acesso aos jovens beneficiários. De modo geral, o contato foi bem facilitado, alguns jovens foram receptivos, outros resistiram à entrevista. Porém, o conteúdo reunido nas doze entrevistas permite conhecer de forma aprofundada as condições de vida das famílias do bairro, assim como a experiência dos beneficiários com o programa no George Américo.

Abaixo é apresentado resumo do perfil de cada um dos entrevistados e de suas relações como programa:

**Jovem 1** - Ela tem 15 anos de idade, nasceu e cresceu em Feira de Santana, especificamente no George Américo. A mãe não trabalha, o pai trabalha pendurando outdoor, nenhum dos irmãos trabalha, são muito novos, ela nunca. Estuda no 1º ano do ensino médio, ela não gosta de algumas matérias nem de alguns professores, como matemática e história.

Ela ingressou no Projovem para se distrair durante a tarde, melhor do que ficar em casa. No programa ela convive com os colegas, joga capoeira e futebol, que são as coisas que ela mais gosta no programa. Disse que lá aprendeu a gostar do próximo.

**Jovem 2:** Eletem 16 anos, quase sempre morou em Feira de Santana, no George Américo. Mora com quatro pessoas, a mãe trabalha eventualmente como doméstica, o pai é operador de recauchutagem, ela e os irmãos nunca trabalharam.

Ele entrou no Projovem para adquirir conhecimento e fazer novas amizades. No programa ele encontra os amigos, aprende braile, capoeira, futsal. Para ele, tudo no programa é legal, o aprendizado, principalmente as atividades físicas, mas deveria haver encaminhamento para o mercado de trabalho.

**Jovem 3:** Ela tem 14 anos, está grávida. Nasceu em Feira de Santana, está no George há 12 anos. Na sua casa moram seis pessoas. A mãe é doméstica, o pai descarrega carros em uma distribuidora, nem ela nem seus irmãos não trabalham. Ela entrou no Projovem pela propaganda dos amigos e gostou. Faz capoeira, futsal, aula de libras e percussão. Para ela, tudo é bom no programa. Sua mãe gosta, porque não fica na rua. Ela disse que ali aprende ser uma pessoa melhor, destaca a abertura dos professores.

**Jovem 4:** Ela tem 15 anos, sempre morou em Feira de Santana, no George Américo. Mora com mais quatro pessoas. A mãe trabalha é agente de saúde, o pai tem uma fábrica caseira de bolas e um mercado. Nem ela nem os irmãos trabalham. Entrou no Projovem incentivada pelas amigas e gostou e ficou. Ela pratica as atividades já citadas. Gosta do programa, acha que deveria haver mais investimento para expandi-lo. Para a família é bom porque ela não fica na rua. Ali aprendeu a respeitar o próximo.

**Jovem 5:** Ela tem 15 anos, sempre viveu em Feira de Santana, George Américo. Em casa moram 8 pessoas, a mãe é professora e o pai é segurança, nem ela nem os irmãos trabalham. Foi incentivada pelos amigos a entrar no programa e gostou. Gosta muito dos professores, dos amigos e das aulas. Ali ela evita ficar em casa, sem fazer nada.

**Jovem 6:** Ela tem 16 anos, morava no Rio de Janeiro, mudou-se recentemente para Feira, acha a cidade muito violenta. A mãe é atendente de telemarketing e o pai é pintor, nem ela nem os irmãos trabalham. Foi incentivada pelos amigos a entrar no programa e gostou, pratica as mesmas atividades citadas. Aprendeu a respeitar a opinião dos outros e gosta muito dos professores.

**Jovem 7:** Com 15 anos, tinha acabado de ter um irmão assassinado, por causa de drogas, logo após, sua mãe faleceu. Ela é de Feira, do George. Seu pai é pedreiro, as profissões dos irmãos são, a saber: representante de vendas, balconista, pedreiro e a atendente de telemarketing. Foi para o programa porque a irmã já frequentava. Faz as atividades já citadas. Depois do programa, parou de brigar.

**Jovem 8:** Tem 17 anos, está há 7 anos no George. Sua mãe é cuidadora de idoso, o pai é caminhoneiro, o irmão mais velho é operador de máquina, ele trabalhou em frigorífico, loja de variedades e numa padaria. Entrou no Projovem pelos bons comentários e adorou. Diz que seu comportamento melhorou, respeitando mais os outros.

**Jovem 9:** Tem 15 anos, está há 12 anos no George Américo. A mãe é merendeira, o pai é descarregador, ela e a irmã não trabalham. Foi ao Projovem pelo futsal, mas agora gosta de tudo. Seu comportamento mudou depois do programa, dizem seus pais, respeita mais o próximo.

**Jovem 10:** Tem 17 anos, sempre morou no George Américo. Sua mãe é doméstica e o pai, conferente. Nem ela nem o irmão trabalham. Entrou no programa por causa da prima e gostou. Ali conheceu gente nova, aprendeu coisas novas, gosta do professor, da orientação social, das aulas de informática e da horta. A mãe acha que ela melhorou.

**Jovem 11:** Tem 16 anos, está há e no George. Sua mãe é doméstica, o pai, ela não sabe, a irmã é manicure. Entrou no programa para melhorar a leitura, porque gaguejava muito. Hoje ela gosta do programa, dos orientadores.

**Jovem 12:** Tem 16 anos, sempre morou no George Américo. A mãe é dona de casa, o pai é autônomo, uma irmã é manicure, a outra é faxineira na escola. Ela entrou no programa com a prima, adoram. Deviam melhorar a merenda.

## **Análise**

Numa primeira análise dos dados verifica-se que as profissões dos pais dos jovens são muito simples. Um fato que chama atenção é o desemprego da maioria deles e de seus irmãos, constatando que haver poucas oportunidades para esse grupo etário. As atividades desenvolvidas no programa são futsal,

capoeira, percussão etc. Nenhuma dessas atividades parece contribuir decisivamente para a qualificação profissional, embora possam, sem dúvida, contribuir para o desenvolvimento físico e social. Todos os jovens afirmaram gostar do programa e se sentem integrados nele. A amizade entre os beneficiários é muito grande. Eles relataram em entrevista coletiva que, antes do programa, viviam meio sozinhos, enfrentando dificuldades em se aceitarem como são. O ingresso no ProJovem fez com que eles aprofundassem amizade com pessoas de sua idade e com os orientadores, isso foi importante para que pudessem se aceitar como são e, assim, elevar a autoestima.

As entrevistas não apontam como o programa pode contribuir para a (re) inserção na escola. Na verdade, parece tratar-se de universos paralelos, que não dialogam entre si. Dessa forma, a proposta de qualificação e de inserção escolar não se revelam exitosas.

Esses jovens vivem em um bairro carente de investimentos públicos e mobilidade pela cidade é difícil. Eles passam a maior parte de suas vidas dentro do George Américo, sem contato com outros lugares e pessoas. Dessa forma, o ProJovem é uma alternativa ao isolamento, sobretudo num lugar violento, o que faz com que mesmo a mobilidade interna seja difícil. Assim, o ProJovem é um espaço para reunião, para escapar da solidão e, de alguma forma frágil, viver a experiência da juventude.

A questão da precariedade da infraestrutura, apontada por Leão (2004) é constatada na implementação desse programa e vale destacar conclusões desse autor que a participação num programa produz resultados invisíveis. Isso porque se trata da relação entre cidadão e Estado. A precariedade, em alguma medida, afeta a percepção dos jovens em relação à atenção do Estado para o seu grupo, especificamente, para os jovens moradores do bairro. Uma primeira conclusão dessa análise, ainda em processo, é que o programa tem efeitos positivos sobre as experiências dos jovens, sobretudo por causa dos laços de amizade que são tecidos no local. Porém, parece difícil melhorar as relações com a família e com a comunidade quando esses vínculos são torpedeados pela violência do tráfico de drogas.

## Referências bibliográficas

FERREIRA, M.I.C. (2013) Educadores e a implementação de diretrizes contra desigualdades: o caso do ProJovem Urbano. *Educação e Pesquisa*, V.31, pp. 111-175.

FLEURY, S. (1994) *Estado sem cidadãos – seguridade social na América Latina*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ.

LEÃO, M.P.P. (2004) A gestão da pobreza juvenil: uma análise de um programa federal de inclusão de jovens pobres. Trabalho apresentado no *Encontro Nacional de Estudos de Educação, ANPED*, In Anais ... Caxambu, Minas Gerais.

MARSHALL, T.J. (1967) *Cidadania, classe social e status*: Rio de Janeiro: Zahar.

MARTINS H.H.T. de S. (2004) Metodologia qualitativa. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, 30 (2), pp. 289-300.

PERALVA, A.T. (2007) O jovem como modelo cultural. In: FAVERO, O. et. al. (orgs.) *Juventude e contemporaneidade*. Brasília: UNESCO: MEC; ANPED, pp. 13-27.

SILVA, E. R. da e ANDRADE, C.C. (2009) A política nacional de juventude: avanços e dificuldades. In: CASTRO, J.A. de; AQUINO, L.M.C de; ANDRADE, C.C de *Juventude e políticas sociais no Brasil*. Brasília: IPEA, pp. 41-70.

SPOSITO, M P. e CARRANO, P. Juventude e políticas públicas no Brasil In: FAVERO, O. et. al. (orgs.) *Juventude e contemporaneidade*. Brasília: UNESCO: MEC; ANPED, pp.179-216.

SPOSITO, M.P. e CORROCHANO, M.C. (2005) A face oculta da transferência de renda para jovens no Brasil. *Tempo Social, revista de sociologia da USP*, 17(2), pp. 141-172.